1ª Pregação na Procissão dos Passos

São Mamede de Infesta, 28-02-2010

**1.** Trago inscrita, a ouro, no meu relógio de pulso, uma belíssima frase, que uma criança, de apenas cinco anos, proferiu, num dia, em que eu passava, tão perto de sua casa! Daquela vez, eu andava a fazer a visita aos doentes. Vendo-me passar, a Mónica – assim se chamava a menina – exclamou com um ar de encantamento e surpresa: **«*vai ali o Jesus que anda***»!

Ora «***o Jesus que anda***» não era ainda, para a Mónica, o Jesus, que andava de aldeia em aldeia, de cidade em cidade, anunciando a Boa Nova e proclamando o Reino de Deus.

«*O Jesus que anda*», não era ainda, para esta criança, que desconhecia o evangelho, o Jesus que passou fazendo o bem, ou o Jesus, que caminhava longas horas a pé, ou o Jesus que subia a estrada para Jerusalém, e que, pelo caminho, encontrava os pobres, os mendigos, os cegos, os enlutados e todos os que perderam e reencontraram nEle a esperança.

«*O Jesus que anda*» era, na sua visão, pura e inocente, simplesmente a figura do padre da sua terra, que por ali passava, de vez em quando, para visitar uma família, para ver um doente, ou no dia da visita pascal, para fazer a festa com o Povo! Confesso-vos que aquela exclamação surpreendente da Mónica, passou a inspirar e a guiar os meus passos, sempre que me deslocava, nas idas e voltas, ao encontro das pessoas, sobretudo das mais frágeis e doentes, das mais carentes ou carecidas!

**2.** Mas, para o caso - e para o que aqui mais importa - é que não foi difícil, para aquela criança, perceber que *afinal Jesus anda* mesmo e que continua hoje a trilhar os seus passos, por entre as pessoas e as ruas da nossa cidade! Jesus anda e caminha no meio de nós, atravessa as nossas estradas, aproxima-se das bermas, seja como o homem das dores, ferido e caído, em todos os crucificados de hoje, seja como o verdadeiro e bom samaritano, que se aproxima, para ver e se compadece, por quem chama, por quem grita, por quem clama e reclama um pouco mais da atenção e do olhar do coração! De certo modo, levar, em procissão, o Senhor dos Passos, implica conhecer e reconhecer Jesus, que anda, nos passos perdidos e sofridos dos que hoje mais são desprezados, condenados e crucificados, pela injustiça do mundo!

O Senhor dos Passos, esse Cristo que passou no meio de nós fazendo o bem (Act.10,38), continuará, portanto, a passar e a caminhar, com os nossos próprios pés, pelos cantos e recantos, nos encantos e desencantos, desta terra. Não por acaso, Jesus, «*sabendo que ia passar deste mundo para o Pai*» (Jo.13.1), precisamente antes da sua Paixão, lavou os pés aos discípulos, para que lhe seguissem os passos: «*Vistes o que vos fiz. Dei-vos o exemplo, para que o façais também*» (Jo.13,14-15). Jesus lava os meus pés cansados. Toca-me, onde exactamente toco o solo, onde a terra se liga ao meu corpo, que se ergue para o céu. Ele ajoelha-se, segura os meus pés e lava-os. Então os seus olhos voltam-se para mim, e quando encontram os meus, diz: «*compreendeste o que te fiz; fá-lo tu também*». A mensagem parece clara para nós, nesta tarde: enquanto percorro o longo e doloroso trajecto em direcção à Cruz, devo parar, no caminho, para lavar os pés do meu irmão, para lhe curar as feridas, para lhe dar abrigo, alívio e descanso»! Para esta compaixão, vale o imperativo categórico: “**Repara, olha e ficas a saber**” (H. Jonas).

**3.** Por isso, meus queridos irmãos e irmãs: esta procissão dos Passos, em memória e em representação da Paixão do Senhor, só é verdadeiramente caminho cristão, se nos despertar para a compaixão. Este é, aliás, o desafio que a Diocese nos propõe, para o mês de Março e para a Quaresma deste ano de 2010! Havemos de traduzir a verdade da nossa Paixão por Deus, numa afectiva e efectiva compaixão pelos homens! A “compaixão” será, portanto, o nosso caminho a percorrer! Não vivamos os passos desta Quaresma, fixando-nos na culpa e no pecado dos outros, mas parando e reparando, olhando e tomando parte do sofrimento do próximo, que, na berma da estrada (Lc.10, 29-37) clama e reclama por nós e, na sua indigência, nos obriga a responder e a corresponder, a ir e a sair de nós mesmos!

A compaixão não se confunde, neste caso, com a simples pena ou o lamento inútil, nem se reduz a uma mera empatia, com aquele que sofre! Pode parecer uma emoção débil, sintoma de fraqueza perante a crueldade do real. Mas não! A compaixão manifesta-se sobretudo no cuidado atento pelo outro, na resposta espontânea à miséria do irmão; esta compaixão “*é sinónimo de solidariedade e de partilha, e é animada pela esperança*” diz-nos o Papa Bento XVI! Compadecer-se tem, por isso, tudo a ver com esta capacidade humana e divina de sofrer com o outro e pelo outro; implica sair de si mesmo, para acolher o outro, e tomar como suas, a dor e a necessidade dos irmãos! Só deste modo se torna verdadeira, para nós, a nossa paixão por Deus! Só desse modo se torna real, para os outros, a Paixão de Deus por cada um!

**4.** Nesta Quaresma e na longa procissão dos Passos de Cristo pela nossa vida, encontraremos, por certo, pessoas feridas e excluídas, despojadas, oprimidas, deprimidas ou reprimidas! Podemos e devemos curar uma ferida, lavar um rosto, enxugar uma lágrima, acompanhar a cruz da solidão, prestar um serviço, ajudar a levar a cruz! Não fiquemos, nem passemos ao lado (cf. Lc.10,25.37), como quem vê, ao longe, passar a procissão e a paixão de Cristo. Aproximemo-nos. Só aproximando-nos do outro, poderemos vê-lo, cuidar dele, perder algum do nosso tempo e porventura algum do nosso dinheiro!

Dizia-nos o saudoso João Paulo II, numa Carta Apostólica sobre o sentido cristão do sofrimento humano: “Não nos é permitido «passar adiante», com indiferença; mas devemos «parar» junto de quem sofre ou de quem mais precisa. Parar, neste caso, não significa curiosidade, mas disponibilidade. Esta é como que o abrir-se de uma disposição interior do coração, que também tem a sua expressão emotiva. Bom Samaritano é *todo o homem sensível ao sofrimento de outrem, o* homem que «*se comove*» diante da desgraça do próximo. Se Cristo, conhecedor do íntimo do homem, põe em realce esta comoção, quer dizer que ela é importante para todo o nosso modo de comportar-nos diante do sofrimento de outrem. É necessário, portanto, cultivar em si próprio esta sensibilidade do coração, que se demonstra na *compaixão* por quem *sofre.* Por vezes, esta compaixão acaba por ser a única ou a principal expressão do nosso amor e da nossa solidariedade com o homem que sofre” (João Paulo II, Salvifici Doloris, 1984, n.28).

**5. Neste Ano de Missão**, deixemos irradiar e espalhar, por toda a parte, este suave perfume da compaixão, este bom odor de Cristo, sempre compassivo e compadecido de nós! Como no tempo e nos passos de Jesus, também hoje há muitos gritos de multidões famintas de pão, de alegria, de paz e de amor. Há pessoas concretas, ao nosso lado, a viver no desemprego, na instabilidade, na miséria, na solidão ou a sofrer violência. A compaixão, isto é, a capacidade que temos de sofrer com os outros, deve levar-nos a reflectir: *como poderemos aliviar o seu sofrimento e ajudá-los a serem felizes?* Na realidade, se não houver compaixão, sintonia com o sofrimento dos outros, e caridade fraterna, então a nossa paixão por Cristo, reduz-se a uma simples emoção de momento ou a uma comoção passageira. Pelo contrário, a paixão por Cristo estimula a nossa compaixão pelos outros, até ao ponto de “prestar *ajuda no sofrimento,* seja qual for a sua espécie; uma ajuda, quanto possível, eficaz. Nela o cristão, à imagem de Cristo, que padece e se compadece, põe todo o seu coração, sem poupar nada, nem sequer os meios materiais. Pode-se dizer mesmo que se dá a si próprio” (Ib.28).

Sigamos então os passos de Cristo, passando, com os nossos próprios pés, pelos lugares da sua paixão, hoje e aqui neste mundo, nesta terra, nestes lugares de dor e de amor! Caminhemos até pararmos e repararmos, para aprendermos de Maria, a compaixão, que é o outro nome dado à consolação do coração!

**2ª Pregação na Procissão dos Passos**

São Mamede de Infesta, 28-02-2010

**1.** A palavra da Cruz (I Cor.1,18) não estaria ainda completamente exposta ao nosso olhar, sem a imagem comovente da Virgem compadecida! Os passos da Paixão, não estariam percorridos, sem esta cena dramática, do encontro de Jesus, com a sua Mãe. Pois, como ainda há pouco meditávamos, só na medida em que a Cruz é assumida e partilhada no amor, só na medida em que a paixão de Deus e por Deus se traduz em compaixão pelos homens, é que a Cruz de Cristo se anuncia e se cumpre inteiramente!

E assim há-de ser, porque o Deus omnipotente que, segundo o pensamento dos filósofos, não podia padecer, revelou-se em Cristo como “Deus que se pode compadecer” (São Bernardo): “De facto, - diz-nos Bento XVI – “a pessoa humana tem para Deus um valor tão grande que o próprio Deus mesmo Se fez homem, para poder padecer com o homem, de modo muito real, na carne e no sangue, como nos é demonstrado, na Paixão de Jesus. A partir daí, (isto é, a partir da Paixão de Cristo), entrou em todo o sofrimento humano a presença de Deus, desse Deus, que partilha o sofrimento e a sua suportação; a partir da Paixão de Cristo se propaga em todo o sofrimento a consolação do amor solidário do nosso Deus” (cf. Bento XVI, Spe Salvi, 39), clemente e cheio de compaixão!

Ora, neste passo da Virgem compadecida, os sofredores de todos os tempos viram claramente a representação mais pura da compaixão divina, que é a única e verdadeira fonte de consolação! Pois toda a dor, todo o sofrimento é, na sua essência última, solidão, perda de amor, felicidade destruída pelo inaceitável. Só a compaixão, isto é, o só o ser e o estar «com» quem sofre, só a presença silenciosa na solidão, pode curar a dor, com o bálsamo do amor! Por isso, aqui nos detemos, no encontro de Jesus com Maria, sua Mãe, a caminho do Calvário, por se tratar de um passo, onde o drama real da Paixão se converte num acto de verdadeira compaixão!

**2.** Vede, irmãos caríssimos: Jesus encontra sua Mãe, enquanto era levado para a execução. Maria, não desmaiou, apesar do vil espectáculo, onde a violência desumana desafiou o amor divino, e em que Jesus transformou um gesto de violência suprema, num acto de extremo amor! Maria não gritou de raiva ou desespero; não tentou impedir os soldados de torturá-I'O mais. Olhou-O, olhos nos olhos, e entendeu que aquela era a anunciada Hora do Seu Filho. Em Caná, quando Maria, sua Mãe, um dia lhe pedira ajuda, Jesus sublinhou a diferença entre eles: «Mulher, *que há entre Mim? A minha hora ainda não chegou*» (Jo 2,4). Mas agora, a tristeza de Jesus e a de Maria, fundiram-se, na ferida comum do Amor não amado, daquele Amor, que tudo suporta (I Cor.13,7), do amor mais forte do que a morte (Ct.8,6)! É assim que Maria ficará de pé, junto à cruz de Jesus e é aí que Jesus confiará Maria ao discípulo amado, com estas palavras: «Eis a tua mãe» (Jo 19, 27). Para a piedade cristã, tornou-se especialmente caro este passo da “*Mãe dolorosa, junto da cruz, lacrimosa, enquanto Jesus sofria*”, imagem de Maria, numa atitude de compaixão profunda, pelo Seu filho sofredor.

Não por acaso, no Antigo Testamento, esta compaixão de Deus, para com o ser humano, é designada pela palavra *“rahamin*”, e esta palavra *feminina* tem tudo e sobretudo a ver com as entranhas do seio materno, onde uma vida acolhe outra vida, onde um ser humano está presente ao outro, pronto a recebê-lo, a sustentá-lo, a dar-lhe vida, enquanto ser assumido (cf. João Paulo II, Dives in Misericórdia, nota 52)! De facto, no seio materno, mãe e filho sofrem no mesmo lugar! Assim, com uma palavra, tirada da linguagem do corpo feminino, o Antigo Testamento, dizia-nos já, como Deus nos acolhe e nos sustenta, como sofre por nós e connosco, com um amor cheio de compaixão.

Mas este mesmo sentido, é também expresso, não já por uma palavra hebraica, mas por uma imagem bela, que a todos nos é familiar: a imagem da Pietá, da Virgem Mãe, que chora o filho morto! Esta imagem tornou-se a tradução viva desta palavra: Maria é a compaixão divina, representada num ser humano, que se deixou absorver inteiramente no mistério de Deus!

**3.** Queridos irmãos e irmãs - com Maria, Mãe de Cristo, que estava de pé, junto à Cruz, (Jo.19,25) nós detemo-nos, junto de todas as cruzes do homem de hoje, aos pés da Cruz, onde a Mãe «*padeceu profundamente com o seu Filho único e se associou com coração de mãe ao Seu sacrifício, consentindo com amor, na imolação do corpo de Cristo, que d’Ela nascera*» (cf. LG. 58).

É precisamente com estas palavras que o Concílio Vaticano II nos recorda a «*compaixão de Maria*», em cujo coração, se repercute tudo aquilo que Jesus sofre na alma e no corpo. As lágrimas derramadas ao pé da Cruz transformaram-se num sorriso que nada mais apagará, embora permaneça intacta a sua compaixão materna por nós.

A tristeza de Maria faz dela não só a Mãe de Jesus, mas também a mãe de todos os seus filhos sofredores. Ela ficou de pé junto à cruz; ainda está lá e olha nos olhos de todos aqueles que são tentados a responder à dor com vingança, retaliação ou desespero. A tristeza faz do seu coração, um coração que abraça todos os seus filhos, estejam onde estiverem, oferecendo-lhes consolo e conforto maternal. Maria ensina-nos a contemplar Jesus sofredor e assim a não nos deixarmos oprimir ou azedar pela dor! Maria desafia-nos a acolher a dor no coração, até que ela venha a dar o fruto da compaixão!

**4.** Meus queridos irmãos e irmãs: contemplando esta Mãe, cujo coração foi trespassado por uma espada (cf. *Lc* 2, 35), o nosso pensamento volta-se hoje e muito particularmente para *todas as mulheres que sofrem no mundo,* que sofrem, tanto no sentido físico como psicológico ou moral. Neste sofrimento, uma parte é devida à sensibilidade própria da mulher, mesmo que ela, com frequência, saiba resistir ao sofrimento, mais do que o homem. É difícil enumerar estes sofrimentos, é difícil nomeá-los todos: podem ser recordados o desvelo maternal pelos filhos, especialmente quando estão doentes ou andam por maus caminhos; a morte das pessoas mais queridas; a solidão das mães esquecidas pelos filhos adultos; os sofrimentos das viúvas; a desventura das mulheres que lutam sozinhas pela sobrevivência ou que sofreram uma injustiça e são exploradas. Existem, enfim, os sofrimentos das consciências por causa do pecado, que não cicatrizam facilmente. Também com estes sofrimentos é preciso pôr-se aos pés da Cruz de Cristo» (Dig.Mul. 19), para fazer delas história da paixão e testemunho de compaixão divina!

**5.** Todos temos, por certo, no coração, bem presentes, as imagens desoladoras da tragédia provocada pelo terramoto no Haiti! Ainda não refeitos de tamanha dor, fomos atingidos, mais de perto, pelo drama provocado pelo mau tempo na ilha da Madeira. Em horas assim, em que se agudiza e se perpetua o drama da paixão de Cristo, nós havemos de manifestar ainda mais activamente a nossa paixão por Deus, numa compaixão solidária, ajudando os que mais sofrem, guardando vidas com a nossa vida, sobretudo as vidas mais débeis!

De facto, como diz o Papa Bento XVI, “uma sociedade que não é capaz de contribuir, mediante a compaixão, para fazer com que o sofrimento seja compartilhado, é uma sociedade cruel e desumana (…). Aceitar o outro que sofre significa, de facto, assumir de alguma forma o seu sofrimento, de tal modo que este se torna também meu. Mas, precisamente porque agora se tornou sofrimento compartilhado, no qual há a presença do outro, este sofrimento é penetrado pela luz do amor. A palavra “consolação”, (do latim, con-solatio) exprime isto mesmo de forma muito bela, sugerindo um estar-com na solidão, que então deixa der ser solidão” (cf. Bento XVI, Enc. Spe Salvi, 38).

**6.** Neste passo do encontro, vemos, por fim, como «na Cruz, o Filho pôde derramar o seu sofrimento no coração da Mãe. Cada filho que sofre tem necessidade disto. Também nós nos encontramos diante do sofrimento: a solidão, os insucessos e as decepções da nossa vida pessoal; as dificuldades de emprego; as separações e os lutos nas nossas famílias; a violência da guerra e a morte dos inocentes. Porém, devemos saber que, nos momentos difíceis que não faltam na vida de cada um, não estamos sozinhos: como o fez a João, aos pés da Cruz, também Jesus nos dá a sua Mãe, para que nos conforte com a sua ternura» (cf. João Paulo II, MJMJ 2003, 2).

**7.** Permitam-me, que conclua com uma prece a Maria, que na hora da Cruz se revela como Virgem da noite e Mãe da Compaixão(cf. Adaptado a partir de “Entrai na alegria, Orações pela vida na hora da passagem”, Ed. Paulinas, col. «como incenso», n.2):

Virgem da noite, Mãe da compaixão:

Nós te imploramos, que fiques perto de nós,

quando impera a dor e irrompe a provação,

quando sopra o vento do desespero,

quando domina o céu negro das angústias,

quando nos arrefece o frio das desilusões

e quando sobrevoa a asa severa da morte.

Liberta-nos do terror das trevas

 na hora do nosso Calvário,

Tu, ó Virgem da noite, Mãe da compaixão:

que experimentaste o eclipse do sol:

estende sobre nós o teu manto de luz,

de tal modo que, envoltos no teu alento,

nos seja suportável a longa espera da liberdade.

Tu, ó Virgem da noite, Mãe da compaixão:

enche de presenças amigas e discretas

o tempo amargo de quem se encontra só.

Preserva de todo o mal os nossos entes queridos

e conforta aqueles que perderam a confiança na vida.

Tu, ó Virgem da noite, Mãe da compaixão:

não nos deixes sozinhos,

a salmodiar com os nossos medos.

Pelo contrário, se nos momentos de obscuridade,

Te colocares ao nosso lado,

e nos segredares que também Tu estás à espera da luz,

então as nascentes do pranto

secar-se-ão sobre o nosso rosto.

Então despertaremos juntos

a aurora do dia sem fim,

na Páscoa gloriosa do Teu Filho Jesus!

Àmen!